

**O DISCURSO QUE RESISTE:
AS NARRATIVAS SOBRE A HOMOAFETIVIDADE FEMININA
ESCRITAS POR MULHERES NA LITERATURA BRASILEIRA**

**THE DISCOURSE THAT RESISTS:
THE NARRATIVES ABOUT FEMALE HOMOAFETIVITY
WRITTEN BY WOMEN IN BRAZILIAN LITERATURE**

Ana Luiza Nunes Almeida¹

DOI: 10.11606/issn.1981-7169.crioula.2017.134843

RESUMO: Este trabalho é um esboço sobre o percurso da expressão da homoafetividade feminina na literatura brasileira, levando em consideração obras literárias escritas por mulheres. Pretende-se analisar os espaços que possibilitam a expressão do tema da homoafetividade feminina, inclusive suas representações no meio literário, refletindo sobre a possibilidade de pensar o gênero a partir da subversão de uma de suas matrizes de inteligibilidade: o desejo heterossexual compulsório.

ABSTRACT: This paper is an outline of the course of the expression of female homoaffectivity in Brazilian literature, taking into account literary works written by women. we intend to analyze the spaces that allow the expression of the theme of female homoaffectivity, including its literary representations, reflecting on the possibility of thinking gender from the subversion of one of its *matrix* of intelligibility: compulsory heterosexual desire.

PALAVRAS-CHAVE: homoafetividade; lésbica; espaço; discurso.

KEYWORDS: homoaffectivity; lesbian; space; discourse.

¹ Doutoranda em Teoria, Crítica e Comparatismo (UFRGS). E-mail: aluiza.nunes@gmail.com

A homoafetividade feminina tem recebido a atenção do espaço acadêmico contemporâneo. Ao abordar o tema da homoafetividade feminina, ao longo dos anos, evitou-se explorar a desigualdade de gênero presente no meio literário, sendo que às mulheres sempre foi imposto um silenciamento mais severo do que aos homens, uma vez que o relacionamento lésbico é duplamente transgressor ao sistema heteropatriarcal. A justificativa se fundamentava na suposição de que o meio social dá maior visibilidade à relação homossexual feminina e a representação da temática seria mais fluida no discurso literário. No entanto, entende-se que pensar desta forma é compartilhar de uma perspectiva patriarcal, que explora o relacionamento entre mulheres, levando em consideração, principalmente, a sexualidade, através de um olhar *vouyer* e fetichista.

Refletindo, então, sobre os incômodos que a temática ainda suscita nos espaços literário e social, a proposta desta discussão é pensar sobre como se deu a expressão da homoafetividade feminina na literatura brasileira ao longo dos anos, discutindo os seus espaços de abordagem – pensando espaço social, simbólico e campo literário – e questões de autoria, uma vez que serão estudadas somente narrativas escritas por mulheres, principalmente, porque se pretende afastar a análise desse olhar do outro, ou seja, da abordagem que é questionada e que se pauta no vouyerismo.

Percebe-se a dificuldade de expressão lésbica na medida em que se nota um número precário de estudos sobre a lesbianidade e isso tem sua raiz na descrença social, que se perpetuou durante muitos anos, em não aceitar o relaciona-

mento entre mulheres como algo além da sexualidade. Um dos poucos estudiosos sobre o assunto, Luiz Mott, escreveu um livro *O lesbianismo no Brasil*, em 1987, em que salienta essa alienação referente ao estudo sobre lésbicas. Ele diz:

Se para os gays masculinos houve um verdadeiro complô de silêncio dos donos do poder, destruindo-se evidências comprobatórias do amor unissexual entre membros do sexo forte, no caso do lesbianismo a falta de documentação se deve mais à cegueira, indiferença e preconceito dos homens face à sexualidade feminina, considerada assunto de menor importância e indigno da atenção do sexo forte. Portanto, a história do lesbianismo até pouco tempo era página totalmente em branco, que somente nos últimos anos tem merecido atenção de alguns estudiosos. E devido aos milênios de alienação e inferioridade da mulher em nosso mundo geralmente têm sido os intelectuais do sexo masculino que iniciam tais estudos e pesquisas (MOTT, 1987, p. 8).

Não é somente em estudos históricos e historiográficos que a homoafetividade feminina era analisada prioritariamente por homens. Na literatura, foi sob o olhar masculino que o tema começou a ser representado, em sua maioria. Em um estudo coordenado pela Prof^a Regina Dalcastagné, pode-se perceber que dentre as maiores editoras brasileiras, no período de 1990 e 2004, os homens são quase $\frac{3}{4}$ dos autores publicados – já há uma abertura maior para a expressão feminina, mas mesmo assim a pesquisa revela que não se tem grande expressividade de escritoras publicando. A própria pesquisadora reflete:

O silêncio dos grupos marginalizados – entendidos em sentido amplo, como todos aqueles que vivenciam uma identidade coletiva que recebe valoração negativa da cultura dominante, sejam definidos por sexo, etnia, cor, orientação sexual, posição nas relações de produção, condição física ou outro critério – é coberto por vozes que se sobrepõem a ele, vozes que buscam falar em nome desses grupos, mas também, embora raramente, pode ser quebrado pela produção literária de seus próprios integrantes (DALCASTAGNÈ, 2005, p. 15).

Pensando em textos literários escritos por mulheres que introduzem a temática em suas narrativas, percebe-se que até a década de 1970, as obras ainda reproduziam o discurso dominante e caracterizavam a lésbica como doente ou da mesma que Safo: rejeitada por um homem. Lygia Fagundes Telles fez referência à homossexualidade feminina em *Ciranda de pedra* (1954) e *As meninas* (1973). No primeiro livro, a personagem Letícia desperta o sentimento homoafetivo por outra, Virgínia: no segundo, há menções às relações sexuais entre as freiras de um convento. Se nos determos um pouco na análise do primeiro romance mencionado – a personagem Letícia se mostra interessada pela narradora, Virgínia, depois de sofrer uma decepção amorosa e acaba vendo em Virgínia uma forma de refazer sua vida, fugindo do trauma provocado anteriormente pela relação heterossexual. Foi uma forma legitimada socialmente que a escritora encontrou para abordar a temática, uma vez que nos anos 1950 a voz feminina era quase nula. Poderia se pensar que há uma contradição em dizer

que há uma sensibilidade aflorada em tratar o assunto, pois o discurso construído por Lygia reproduz os padrões vigentes. No entanto, se pensarmos que é uma mulher escrevendo sobre um tema abominado por uma sociedade machista e que ainda coibia a manifestação literária feminina, também pode-se refletir que escrever sobre um relacionamento homoafetivo feminino entre duas personagens relevantes na narrativa é um ato político.

Trazendo os dados da pesquisa da Prof^a Regina Dalcastagné, em narrativas que apresentam personagens homossexuais, há uma nítida predominância de personagens do sexo masculino (79,2%). Em vista disso, tirar do ostracismo a representação lésbica e dar espaço à sua performance na literatura, é uma forma de transgredir o discurso dominante. Embora a narrativa de Lygia traga resquícios de um discurso normativo, ela também o supera porque caracteriza Letícia como uma personagem independente e segura de si, que busca conquistar o seu espaço na sociedade reproduzida na trama, sendo coerente com a sua identificação sexual – ela não é uma construção estereotipada de lésbica e tampouco de mulher.

A cultura da heterossexualidade sempre foi vista como uma instituição política que retira o poder das mulheres e seus corpos são pensados como uma superfície politicamente regulada. Nesse sentido, o olhar feminino sobre a lesbianidade aponta para a possibilidade de transgredir esses conceitos fixos que validam a supremacia do heteropatriarcado, rejeitando a sua compulsoriedade e rompendo com o silenciamento.

to condicionado à existência lésbica. Adrienne Rich (2010) idealiza um *continuum* lésbico, não como a identificação de todas as mulheres com essa condição sexual, mas como uma forma de resistência ao patriarcado. As suas ideias se aliam a este olhar sobre a lesbianidade na literatura brasileira que as mulheres construíram (e ainda constroem), o qual foge dos estereótipos pressupostos pela cultura machista. No ensaio sobre a heterossexualidade compulsória e existência lésbica, Rich discorre sobre a objetificação da lésbica no espaço heterocentrado:

A chamada pornografia lésbica, criada para o olhar voyeurístico masculino, é igualmente vazia de conteúdo emocional e personalidade individual. A mensagem mais perniciosa transmitida pela pornografia é a de que as mulheres são presas naturais congruentes e que, para as mulheres, o sexo é essencialmente masoquista, uma humilhação prazerosa, um abuso físico erotizado. [...] A pornografia não cria simplesmente uma atmosfera na qual sexo e violência seriam intercambiáveis. Ela amplia o conjunto de comportamento considerado aceitável para os homens em seus intercursos heterossexuais – comportamento que retira das mulheres reiteradamente de sua autonomia, de sua dignidade e de seu potencial sexual, inclusive potencial de amar e ser amada por mulheres com maturidade e integridade (RICH, 2010, pp. 26-27).

Na mesma perspectiva que Rich, Monique Wittig (2012) busca entender como são pensadas as categorias de visibili-

dade e de resistência do corpo da lésbica, evidenciando que são corpos que contradizem a ordem androcêntrica e sexista da cultura dominante. Sob uma perspectiva semelhante, Judith Butler (2013) pensa a fala como um ato de poder, pois, ao visibilizar o discurso sobre a homoafetividade feminina, critica os discursos de verdade que funcionam através de conceitos e teorias que legitimam a heterossexualidade compulsória e a supremacia masculina.

A partir da década de 1970, com a organização dos movimentos feministas e estudos sobre igualdade de gênero, houve uma abertura maior para a mulher no campo literário e também a possibilidade de escrever sobre a homoafetividade feminina de forma mais aberta. Isso ocorre a partir da do momento em que se torna possível falar sobre si, que as mulheres tanto reivindicaram na literatura, e uma nova fase, de falar da sua intimidade, dos seus desejos, anseios e vontades se instaurou. Claro que se pagou um preço por isso.

Cassandra Rios pode ser considerada uma das escritoras mais representativas que desenvolvem a homoafetividade feminina em seus textos literários e, devido à recorrente abordagem à temática, foi comumente execrada e segregada à condição de subliteratura – ou literatura marginal – pela crítica da época. Devido à recorrência do tema em suas narrativas, muitos questionamentos sobre a sua sexualidade foram levantados, mas a escritora sempre esquivava-se do interrogatório, sendo categórica ao afirmar que o real e a literatura não se envolviam (no seu caso particular), ainda que, em diversas situações, alegasse que a ficção imita a realidade, uma vez que muitas personagens com caracterizações homossexuais

eram representadas a partir de um olhar culposo sobre si, refletindo, então, o sentimento que acometia muitas mulheres por considerarem tal manifestação sexual pecaminosa. Adelaide Carraro também disponibiliza um espaço significativo às relações lésbicas em sua bibliografia.

São duas escritoras muito significativas no estudo da representação da homoafetividade feminina na literatura brasileira porque têm um vasto número de obras publicadas sobre a temática, mas são pouco conhecidas pelo grande público – talvez porque falavam às claras sobre aquilo que era íntimo às mulheres. Para mensurar sobre a abrangência do seu público, no período ditatorial, época em que mais produziram, ambas tiveram obras censuradas e mesmo assim quebravam recordes de vendas de suas edições publicadas. E por que, mesmo assim, pouco se sabe sobre elas? Talvez pelo simples fato de serem mulheres transgressoras da norma. Porque ousaram abordar temas que se escondiam no inconsciente feminino e que poucas mulheres externavam, fazendo-o com a mesma naturalidade quando trataram o amor lésbico, que antes não se ousava publicar.

Enquanto Adelaide Carraro construía narrativas de cunho mais político, levando em consideração o meio social como construtor da identidade das personagens – era uma forma de denunciar a sociedade da época e um modelo narrativo comum naquele período; Cassandra ia além: usava uma abordagem denunciativa, mas se preocupava também com questões interiores às personagens – os conflitos internos eram evidentes, principalmente quando criava personagens lésbicas, porque aqueles padrões estereotipados que conceituavam uma

lésbica na sociedade eram entendidos como redutores das personagens e não condiziam com as suas performances.

Em um estudo sobre o discurso da homoafetividade feminina na literatura, Angie Simonis (2007) percebe que um dos problemas da invisibilidade da lésbica está na nomeação, isto é, em estabelecer um padrão de nomeação, um conceito, uma definição. Assim, quando representada sob a interpretação de uma voz que não respeite a sua subjetividade, ela é sujeitada a um discurso que privilegia os estereótipos que limitam e enfraquecem a expressão da diversidade de subjetividades, próprias de uma cultura diferenciada e diferente. Todavia, novos discursos estão sendo criados para pensar sobre a homoafetividade feminina, redirecionando o conceito a partir da subversão da matriz heterossexual, a fim de englobar quaisquer indivíduos sob os novos paradigmas da sociedade contemporânea, a qual, ainda que estabeleça padrões normativos, assimila a inserção de identidades subjetivas.

As subversões que as obras literárias propõem ao discurso dominante partem do entendimento do corpo como uma situação, ou seja, o corpo é um lugar de interpretação cultural e os discursos formados sobre ele é que condicionam o sujeito a determinado gênero. Com o foco nos corpos postos em discurso, o que se pode perceber é que as escritoras não obedecem às normas de um ideal de gênero e ao desnaturalizar os conceitos de gênero e de sexo, problematizam a heterossexualidade – assim como a dominação masculina –, que é sustentada pelas relações de gênero, que são intrinsecamente fundadas no binarismo de sexo e, assim, determinam as construções das identidades sociais sobre os corpos sexua-

dos. O corpo, assim como o gênero, é socialmente construído, agregando para si o binarismo imposto socialmente, sob o qual deve representar o masculino ou o feminino. Quando essa representação destoa da normatização, o corpo também é entendido como desviante e como uma forma de resistência.

A partir da ideia de performatividade dos corpos é que se pode questionar os discursos de verdade, visto que o corpo materializado não se ajusta totalmente às normas, possibilitando uma abertura para que as normas se voltem contra si e pondo em dúvida seu caráter hegemônico. O que se percebe é que as personagens lésbicas são construídas com significados múltiplos para o significante “mulher” e que nem todas as suas caracterizações se alinham ao modelo de corpo feminino. Dessa forma, permitem reavaliar o modo de pensar as construções identitárias, uma vez que as restrições conceituais de sexo, gênero e sexualidade não compreendem as identificações das personagens.

No livro *Eu sou uma lésbica*, de Cassandra Rios, publicado em 1980, a protagonista Flávia percorre a narrativa – da infância ao início da fase adulta – tentando entender a sua condição social e se encaixar nos padrões vigentes, mesmo se inserindo em definições marginalizadas, e entende que nem dentro desses conceitos ela se identifica porque um indivíduo tem a possibilidade de desenvolver múltiplas performances de acordo com os espaços que transita. O último parágrafo do livro é muito significativo porque traz essa questão e é possível perceber que a partir de então essa nova noção de identificação lésbica é discutida no texto literário. Ele diz:

Eu sou lésbica, deve a sociedade rejeitar-me? [...] Em que situação uma homossexual deve ser rejeitada, compreendida ou aceita? Quando engana o homem com as suas dissimulações ou quando enfrenta a sociedade abertamente, sem esconder o que é? (RIOS, 2006, p. 144).

Escritos, em sua maioria, durante a vigência do regime militar, os textos de Cassandra e Adelaide despertaram um interesse através da subversão. A denúncia social e as questões políticas, quase sempre associadas ao ingrediente erótico e ao sentimentalismo, hoje nos parecem ingênuas, mas marcaram o início de uma nova forma de abordar o tema na literatura escrita por mulheres.

Com o surgimento de periódicos que focavam o público homossexual, as produções literárias com a temática homoerótica ampliaram o seu volume e algumas coletâneas – geralmente publicadas por editoras especializadas – foram lançadas, dando notoriedade a autores pouco conhecidos e possibilitando a sua ascensão. Entretanto, a expressão da homossexualidade feminina seguia cerceada pelo preconceito existente e os textos literários são, em sua maioria, escritos por homens. Assim, ainda que o momento atual permita uma maior expressão sobre a lesbianidade, ela permanece sendo exposta pela perspectiva do sexo dominante. Luiz Mott fala que:

O complô do silêncio contra a homossexualidade feminina parece ser ainda mais castrador do que a censura ao homoerotismo masculino: certamente há menos escritoras e editoras lésbicas assumidas,

e os programadores das revistas eróticas provavelmente encontram maior clientela entre o público masculino, seja gay, seja straight. Daí o justo desabafo dos movimentos de expressão lésbica: “Falar do lesbianismo implica falar da dupla marginalização: se a mulher como mulher sofre opressão em todos os níveis sociais e anulação de sua própria identidade, como lésbica é vítima de outra opressão muito mais violenta: é totalmente ignorada, porque à mulher foi negada uma sexualidade própria e a livre disposição de seu corpo. Portanto, a problemática da lesbiana é consequência do tratamento recebido pela mulher através da história, da qual esteve ausente enquanto protagonista: sua história é uma história subterrânea”. Da mesma forma, a mesma crítica vale para a literatura (MOTT, 1987, pp. 129-130).

São diversos títulos publicados em editoras especializadas que são direcionados à homoafetividade feminina e é impossível fazer uma generalização a respeito da forma que o tema é abordado em todas as obras, mas tem-se a noção de que os questionamentos inseridos nas palavras finais de *Eu sou uma lésbica* são recorrentes nas tramas e o problema central está focado na identificação, no conceito de lésbica. Como representar uma lésbica na sociedade contemporânea? Mas, neste estudo vale também questionar também qual é o espaço permitido para tal representação? Para isso é preciso pensar no espaço como constituinte de identidade – pensar o espaço de acordo com a perspectiva de Doreen Massey (2008) que o entende como um produto das inter-relações,

como uma esfera da multiplicidade, como algo em constante construção; e, a partir dessa concepção, entender a relação conflitiva entre identidades de gênero e sexuais, uma vez os padrões estereotipados e arbitrários de identidade não se adequam às novas configurações de identificações possíveis nas construções de personagens.

Mesmo sendo significativo o volume de publicações que abordam a homoafetividade feminina em editoras especializadas, o número de obras que tratem da temática em grandes editoras é ínfimo e o fato dessas narrativas ocuparem um espaço que não tem um reconhecimento institucionalizado de destaque é relevante para identificar o espaço da temática no campo literário. Há poucas referências até os anos 1990, mas a partir dos anos 2000 aumentam as possibilidades de encontrar o tema no catálogo de editoras de maior destaque.

No espaço literário, o discurso também é regulado por sistemas de autoridade, os quais legitimam, a partir de definições arbitrárias, práticas discursivas que se adequam ao posicionamento ideológico dominante e, portanto, são institucionalizadas dentro do cânone literário. A literatura, por vezes, é condicionada a conservar e a reproduzir a verdade instituída, sendo uma das responsáveis pela manutenção da arbitrariedade discursiva que se alastrou. As obras literárias contemporâneas que abordam a temática, superam a norma heteropatriarcal ao assumirem uma postura que naturaliza a pluralidade de identidades – focando nas sexualidades – e se desvinculam, também, dos estereótipos que normalmente são utilizados em construções narrativas que mencionam a homoafetividade feminina.

Editoras de maior prestígio nacional publicaram textos em que a temática é protagonista. *Duas iguais*, de 1998, de Cíntia Moscovich (publicado pela Record), *Calcinha no varal*, de 2005, de Sabina Anzategui e *Todos nós adorávamos caubóis*, de 2013, da Carol Bensimon (ambos publicados pela Companhia das Letras) são obras narradas em primeira pessoa, por personagens-narradoras que têm um sentimento homoafetivo ao longo das tramas. São três histórias que percorrem a vida das personagens, seja de forma linear ou através de rememoração, para acompanhar os acontecimentos que as construíram não como lésbicas, mas como homoafetivamente inclinadas, já que todas têm incomodações com a redução do conceito. Sem poder desenvolver uma análise mais específica de cada obra, dá para perceber um padrão na publicação da temática em editoras de maior expressividade: são narrativas desenvolvidas a partir da busca da identidade, em que as personagens são construídas com o anseio de encontrar uma identificação possível. A homoafetividade é um fator importante nesse processo formativo, uma vez que cerceia as suas expressões nos espaços intra e extra diegéticos. Não há um discurso transgressor como o de Cassandra Rios e Adelaide Carraro, mas o tema está latente, sendo abordado com as sutilezas que o discurso dominante impõe.

A noção essencialista de sexo, atrelada a um gênero determinado, culmina na estabilidade da construção identitária, padronizando-a, de modo a condicionar, também, identidades consideradas desviantes, instaurando uma normatização e coibindo a identificação subjetiva do sujeito. Butler acredita que pensar as minorias sexuais a partir de identidades está-

veis cria ficções fundacionistas, as quais só reiteram o discurso heteronormativo.

Neste sentido, o gênero não é um substantivo, mas tampouco é um conjunto de atributos flutuantes, pois vimos que seu efeito substantivo é performativamente produzido e imposto pelas práticas reguladoras da coerência do gênero. Consequentemente, o gênero mostra ser performativo no interior do discurso herdado da metafísica da substância – isto é, constituinte da identidade que supostamente é (BUTLER, 2013, p. 48).

O sujeito é entendido como estando em constante processo e associado a elementos contextuais que se somam na sua construção. É, portanto, um constructo performativo. Para que essa perspectiva seja efetivada, a apropriação que Butler faz do sujeito hegeliano serve de embasamento. Ao refletir sobre o sujeito como um sujeito metafísico preexistente, como postulado por Hegel, Butler vai além ao descrevê-lo como um sujeito em processo que é construído no discurso pelos atos que executa. Não há a necessidade de uma identificação fixa para definir os perfis das protagonistas dos romances, uma vez que se entende o conceito de mulher como algo que fazemos mais do que algo que somos. O que importa são as suas jornadas nas narrativas e a progressão gradual da ignorância ao esclarecimento e ao autoconhecimento. Assim, a filósofa reflete que “a mulher em si é um termo em processo, um devir, um construir do qual não se pode dizer legitimamente que tenha origem ou fim. Como uma prática discursiva contínua,

ela está aberta à intervenção e ressignificação” (apud SALIH, 2012, p. 66), intensificando, então, a análise proposta de que é possível fazer com que modos alternativos de descrição estejam disponíveis dentro das estruturas existentes.

O incômodo que a dualidade de gênero e sexualidade, e sua conseqüente estereotipação, provocam, podem ser interpretadas como estratégias utilizadas pelas escritoras para denunciar o sistema discursivo dominante. Ainda que as escritoras utilizem discursos com aproximações à cultura hegemônica, as textualidades são ressignificadas de modo que recontextualizam as identidades narradas para cenários que transcendem ao modelo hegemônico de representação. Se nota a preocupação das autoras na transformação desses significantes e na reivindicação de espaços de fala que busquem novas linguagens nos discursos sobre o tema, em que evidenciam os transtornos que as dualidades conceituais provocam. Essa perspectiva não é inocente em se desligar dos sistemas culturais e as suas padronizações, mas possibilita que os sujeitos transitem entre identidades possíveis, com as quais se identificam, mesmo que transitoriamente, entendendo, assim, os seus processos de fragmentação. Butler percebe que através da desnaturalização dos conceitos binários que subcrevem a definição de identidade é possível problematizar a heterossexualidade – e a dominação masculina – que é sustentada pelos conceitos fundantes que atuam sobre os corpos sexuais. Desse modo, Butler aponta para a incoerência que a heteronormatização implica na construção de identidade:

A “unidade” do gênero é o efeito de uma prática reguladora que busca uniformizar a identidade do gênero por via da heterossexualidade compulsória. A força dessa prática e, mediante um aparelho de produção excludente, restringir os significados relativos de “heterossexualidade” e “bissexualidade”, bem como os lugares subversivos de sua convergência e resignificação. O fato de os regimes de poder do heterossexismo e do falocentrismo buscarem incrementar-se pela repetição constante de sua lógica, sua metafísica e suas ontologias naturalizadas não implica que a própria repetição deva ser interrompida – como se isso fosse possível. E se a repetição está fadada a persistir como mecanismo da reprodução cultural das identidades, daí emerge a questão crucial: que tipo de repetição subversiva poderia questionar a própria prática reguladora da identidade? (BUTLER, 2013, p. 57).

De fato, a sub-representatividade de discursos sobre a homoafetividade feminina decorre do domínio da matriz heterossexual sobre o campo da cultura, mais especificamente o mercado editorial. Não é, porém, um “defeito de literatura”, pois não se trata de “inclinarmos” a literatura do mercado para essas causas, mas sim abrir o mercado e a sociedade para a inclusão de narrativas que deem à mulher lésbica o seu verdadeiro protagonismo. Nesse sentido, o aparecer de uma literatura baseada nos pressupostos *queer* não está condicionado à pré-existência de um espaço no qual ela se torna visível. É justamente porque há invisibilidade que se pode falar, primeiramente, na possibilidade efetiva de uma poética da homoafetividade feminina.

A nova literatura sobre a homoafetividade feminina vai ao encontro do questionamento de Butler e supera as figurações estereotipadas, pensando, principalmente, a questão da afetividade como núcleo representado, onde a objetificação da sexualidade e o erotismo são substituídos pela representação das experiências pessoais com o cotidiano, das reflexões de si mesmas ou das vivências individuais. As escritoras se afastam da dureza das dualidades e buscam estratégias narrativas que permitam os deslocamentos dos corpos e identificações plurais às suas personagens. O que motiva esses sujeitos é o desejo de superar os obstáculos postos em seu caminho e, ainda mais, o desejo de conhecer a si mesmo. Nesse sentido, são narrativas que não condicionam as personagens à rotulações e definições padronizadas, permitindo o trânsito dos corpos – pelas descobertas e escolhas – em sexualidades que lhes são interessantes em determinados movimentos espaço-temporais e que não se limitam a um único modelo expressivo e sustentam uma diversidade de identificações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANZUATEGUI, Sabina. *Calcinha no varal*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

BENSIMON, Carol. *Todos nós adorávamos caubóis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

DALCASTAGNÈ, Regina. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. In: *Revista dos Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*. Brasília, n. 26, julho/ dezembro de 2005.

_____; LEAL, Virgínia Maria Vasconcelos (org.). *Espaço e gênero na literatura brasileira contemporânea*. Porto Alegre: Zouk, 2015.

MASSEY, Doreen. *Pelo Espaço: uma nova política da espacialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MOTT, Luiz. *O lesbianismo no Brasil*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

MOSCOVICH, Cíntia. *Duas iguais*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. In: *Revista Bagoas*, n. 5, 2010, pp. 17-44.

RIOS, Cassandra. *Eu sou uma lésbica*. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2006.

SALIH, Sara. *Judith Butler e a teoria queer*. Tradução de Guacira Lopes Louro. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

SIMONIS, Angie. Silencio a gritos: discurso e imágenes del lesbianismo en la literatura. In: _____ (org.). *Cultura, homosexualidad y homofobia*. Barcelona: Editorial Laertes, 2007.

TELLES, Lygia F. *Ciranda de pedra*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

WIITIG, Monique. *El pensamiento heterossexual y otros ensayos*. Tradução de Javier Sáez e Paco Vidarte. Barcelona: Editorial Egales, 2010.

Submissão: 30/07/2017

Aceite: 06/09/2017